REDATORES

Helena Wronski
Willian Callia
Vicente Amato Netto
Victor Nussenweig
Joseph Feher

(Registrado no D.N.I.)

Orgão oficial do Centro Academico "Osvaldo Cruz" — Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Red. Chefe - Ademar Fiorillo ● **Diretor — MATINAS SUZUKI** ●

Ano XVI ⊛ **SÃO PAULO — ABRIL DE 1949** ⊛ **Número 56**

União Estadoal de Estudantes

WALTER BELDA
(1.º Vice-Presidente da U. E. E.)

O acontecimento máximo da vida universitária paulista no ano de 1949 foi o memorável "1.º Congresso Estadoal de Estudantes", que terminou brilhantemente com a fundação da "União Estadoal de Estudantes".

Fato de tamanha importância mereceu de todos aqueles que realmente estão imbuidos de espírito universitário, dos que não se introvertem, covarde ou comodamente, num isolacionismo esteril ou num indiferentismo criminoso pelo seu semelhante, uma análise mais profunda, um conhecimento pleno do alcance da União Estadoal de Estudantes.

Procurando prestar um pequeno serviço aos universitários paulistas, com a documentação que possuimos publicaremos, nas colunas de "O BISTURI", um dos corajosos incentivadores da creação do organismo máximo da classe acadêmica bandeirante, uma série de artigos historiando os fatos e as condições que permitiram a estruturação dêsse organismo.

Nossa exposição estará subordinada ao seguinte esquema:

I — Assembléia Geral da U. N. E. em 26 de julho de 1945.
II — Repercussão em São Paulo.
III — O esquecimento.
IV — Trabalhos preliminares, para o 1.º Congresso Estadoal de Estudantes.
V — Representação do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" no 1.º Congresso Estadoal de Estudantes.
VI — 1.º Congresso Estadoal de Estudantes.
VII — Dia do Estudante Paulista.
VIII — União Estadoal de Estudantes.
IX — Primeira Diretoria. Os Direitos.
X — Primeiras realizações.

CAPÍTULO I

Em artigos posteriores procuraremos trazer algum esclarecimento sôbre a situação dos estudantes paulistas, em relação da U.E.E. em período anterior a 1945. Tomaremos como marco o dia 26 de julho de 1945.

Nêsse dia estava reunido o VIII Congresso Nacional de Estudantes. Na ata da Assembléia Geral consta uma proposta, aprovada por aclamação, que tem o seguinte teor: ... com a palavra o universitário João Belline Burza, presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" que leu a seguinte proposta:

"Colegas e estudantes do Brasil: Como componentes da Delegação de São Paulo, ao VIII Congresso Nacional de Estudantes, dirigimo-nos, pela primeira vez aos estudantes de todo o Brasil. Estamos lealmente participando nêste Congresso, para trazer nossa contribuição, no sentido de que a UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES seja o verdadeiro organismo representativo dos Estudantes brasileiros. Desejamos tratar dos interêsses, dos problemas dos estudantes e fazer dêste Congresso, um Congresso da Mocidade Brasileira. Esforçamo-nos por encontrar um této comum para todos os antagonismos ideológicos, políticos e personalísticos. Propugnamos, acima de tudo, pela efetiva união dos estudantes brasileiros, em tôrno dos seus interêsses e dos seus problema. Queremo a unidade dos estudantes democratas. Colegas Estudantes de todo o Brasil! Os estudantes brasileiros desejam o regime democrático para a Pátria Brasileira. Desde quando o mundo marchava para o fascismo, os estudantes brasileiros vêm lutando contra o fascismo e pela democracia. Nessa fase, deram provas de amor ao povo e de patriotismo. Hoje, que regressam ao solo pátrio as gloriosas Forças Expedicionárias Brasileiras, que deram na Europa, ao lado dos soldados aliados mortos e heróis na grande vitória contra o nazi-nipo-integral-fascismo, imperialismo internacional, colocam-se os estudantes ao lado das forças populares e progressistas do País, no processo de nossa redemocratização política. Situam-se então como vanguardeiras da mocidade brasileira, independentemente de suas ideologias, credos e posições sociais, para o caminho pacífico do progresso do Brasil.

Que se complete o processo de redemocratização do Brasil, dentro de um clima de ordem e tranquilidade para a família brasileira. Que sejam extintos do poder os instrumentos de compressão que existem ainda e os seus elementos reacionários, denunciando-se também, perante a Nação, os atos de quaisquer correntes político-partidárias que não constituam fatos verdadeiramente democráticos. Que seja combatida a rearticulação do integralismo e combatidos os remanescentes do fascismo. Que os estudantes sejam os fiéis fiscalizadores do voto direto e de eleições livres e honestas. Que seja assim, afinal, criada uma fase que venha garantir o futuro dos estudantes ,dos moços e do povo brasileiro.

Colegas brasileiros! Os estudantes abaixo assinados componentes da Delegação de São Paulo ao VIII Congresso Nacional de Estudantes, como contribuição decisiva para a redemocratização do Brasil, comunicam que:

1 — Considerando a necessidade inadiável da unificação de todos os estudantes dos cursos superiores de São Paulo, para a solução dos problemas fundamentais dos estudantes, da mocidade e do povo;

2 — Considerando que constitue um velho compromisso assumido pelas delegações paulistas nos últimos Congressos Nacionais dos Estudantes, a constituição do órgão máximo de coordenação e representação dos estudantes dos estabelecimentos de ensino superior do Estado de São Paulo, como manda o art. 31 dos Estatutos da U.N.E., aprovado pelo V Congresso Nacional dos Estudantes;

3 — Considerando a necessidade urgente de um órgão coordenador das atividades estudantis, dedicado à defesa dos direitos dos estudantes paulistas nos Congressos Nacionais dos Estudantes;

4 — Considerando a importância de um órgão executor das decisões dos Conselhos Nacionais dos Estudantes, através de campanhas populares que mobilizem todos os estudantes de São Paulo;

5 — Considerando, finalmente, a necessidade da unificação dos Estudantes paulistas para a sua mais eficiente participação do processo de democratização do Brasil, "fundam nesta data de 26 de julho de 1945, a União dos Estudantes de São Paulo (U. E. S. P.).

Acompanham êste documento histórico as seguintes assinaturas:

JOÃO BELLINE BURZA — Presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

PAULO CRETELLA SOBRINHO — Presidente do Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

EUGENIO LEFÉVRE NETO — Presidente do C. A. Horácio Berlinck, da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo.

JORGE ARAUJO CINTRA CAMARGO — Presidente do C. A. Educação Física e Desportos de São Paulo.

ARIANI — Pelo Presidente do Grêmio da Faculdade de Ciências Econômica de Campinas.

SILVIO DE SOUZA BRAGA — Presidente do Diretório Acadêmico "Carneiro Leão" da Faculdade de Farmácia Odontologia de Ribeirão Preto.

VICENTE ARRUDA CAMARGO — Presidente do C. A. da Faculdade de Filosofia de Campinas.

ALBERTO BEZIAK — Pelo Presidente do C. A. Sampaio Vidal, da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara.

EUGENIO LEFÉVRE NETO — Como representante dos Centros Acadêmicos da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Santos e da Faculdade de Ciências Econômicas e Finanças de Lins.

Assinaram ainda êste documento os seguintes membros da delegação paulista, credenciados e acompanhantes: Hélio Bichels; Darcy Ribeiro; Hélio Taques Bittencourt; Fábio C. Sampaio; Eustáquio Toledo; Carmino Caricchio; Gerson Sahad; Emanuel Veiga Garcia; João Rezemine; Décio Novaes; Jorge Araujo Cintra Camargo; Ariani; Reynaldo Dias; Jamil Elias; Sérgio de Souza; Orlando Borghi; Anatole Kajan; Vicente Tortorelli; Luiz Gonzaga Cardoso; João B. F. Malheiros; Fernando Jacob; José Nicolau; Lupércio Rodrigues Haro; Walter Pieloni; Renato Fileppo; João Debelian; Carlos da Costa Branco; Danilo Tavares Guerreiro; Laerte Ferrão; Maurício Fang; José de Souza Mairelles Filho; Wilson Marchi.

NOTA: João Belline Burza, Laerte Ferrão e Maurício Fang foram diretores de "O BISTURÍ"; Carlos Costa Branco, Carmino Caricchio e José de Souza Meireles Filho colaboraram assiduamente nêsse órgão do C. A. O. C.

(Continúa)

Curso Preparatorio á Faculdade de Medicina

Estupenda realização da Diretoria FORTES

MATINAS SUZUKI

O Centro Academico "Osvaldo Cruz" ainda recebia os tradicionais votos de "Bôas Festas" do despertar de 1949 e já a sua atual Diretoria arregaçara as mangas para desatar o nó gordio abarbador das realizações academicas.

Como ninguem ignora, toda bôa vontade das diretorias anteriores se esboroava no rochedo insensivel das dificuldades, financeiras chegando por vêzes ás raias da inanição, consumida pelas necessidodes da propria subsistência e pela filantropica manutenção de inumeros centros de assistencia social. E a amarga experiencia passada demonstrou insofismavelmente que as transfusões de sí-ão no inicio dos anos letivos e, posteriormente, no Baile de Maio, são irrisórias comparativamente ás exigencias financeiras do C.A.O.C. E por outro lado, o onirico auxilio governamental aos centros academicos pode ser esperado com pessimismo mais do que schopenhauriano. Foi, pois, com espirito realistico do magno problema que a Diretoria, através de múltiplas reuniões e exaustivos estudos prévios, perseguiu sherlockianamente a luminosa idéia de um Curso Preparatorio aos vestibulares da nossa Escola. E, clarividentemente, toda atenção foi momentaneamente enfocada sobre tão satisfatoria solução, não sendo todavia, descurado outros problemas, tais como o Baile dos Calouros e mesmo a ainda distante "Noite de Maio" para os quais foram constituidas as respectivas comissões já em franca atividade. Elaborado o Estatuto do cursinho, como primeiro passo á concretização de tão elevado objetivo, foi imediatamente encetada a indispensável propaganda, quer interna, quer externa, por meio de anuncios em jornais. Nem mesmo foi descurado os 461 candidatos a calouros de 49, aos quais foram distribuidos votos de felizes exames e em caso contrario, uma sala na Praça João Mendes recebe-los-ia a partir do dia 4 de Abril, proximo vindouro, quando será inaugurado o curso.

E'-nos sumamente confortador ficarmos cientes desta realização da Diretoria Fortes, credora dos mais justos aplausos, posto que dela foi a iniciativa geratriz, o sazonamento e a concretização de tão bela quão positiva conquista, cujo alcance não nos é dificil prever. Foi indubitavelmente coisa inedita nos anaes da Diretoria do CAOC: a Diretoria de 49 iniciou as suas atividades brindando-nos com um feito que nos dará em futuro proximo uma situação economica de destaque no cenario academico da paulicéia.

E este número de "O Bisturí", que sai em pleno mês de Março, sente-se tumefeito de justo entono: é um fato inedito assinalando outro grande fato inedito...

Desejar exito integral ao cursinho é dever de quantos têm u mpedacinho do CAOC no coração; prodigar palmas irrestritas aos seus fundadores é justificar o merito, é dar a Cesar o que é de César, é pagar o credor sem receio de que ele venha a fazer mau uso do dinheiro.

NOTAS SOCIAIS

Dr. João Belline Burza

Realizou-se na vizinha cidade praiana de Santos, no dia 1 3de Dezembro do ano findo, o enlace matrimonial do Dr. Burza com a srta. Maritza.

Ao distinto casal, "O Bisturí", orgão que já esteve sob a competente direção do nosso distinto ex-colega, deseja os mais sinceros votos de perene lar-côr-de rosa. Estes votos de "O Bisturí" traduzem o anseio dos alunos da Faculdade de medicina ao simpatico ex-presidente do Centro Academico Osvaldo Cruz, onde batalhou com singeleza e ardor idealistico, grangeando com isso, a admiração e a amizade dos que com ele conviveram.

Doutorando Alvaro da Cunha Bastos

Realizar-se-á no proximo dia 9 do mês entrante, o enlace matrimonial do nosso presado colega, doutorando Alvaro da Cunha Bastos, com a srta. Maria José Pinto. Aos noivos, "O Bisturí" agradece o convite enviado e deseja uma feliz vida conjugal.

Uma questão patológica

— Mas professor a nossa causa é muito justa, espero que nos atenda...

— Compreendo, os srs. estão com a razão, mas o carnaval está aí.

— Perdemos o ano inteiro com baboseiras patológicas, sem aprender nada.

— Os srs. têm razão, mas como estava falando vou vêr se escolho uma fantasia original...

— Estudamos Ipsis literis o que foi dado em sala, fizemos um bom exame, sempre de acôrdo com a nossa opinião, e as notas que vieram foram sumariamente ridículas.

— Estou de pleno acôrdo. Vocês conhecem aquela música "Ai o circo vem aí"?

— Será Professor uma represália, à uma turma honesta e estudiosa?

— ????? !!!!! ??. Estão servidos para um café

— Será Professor que a sinceridade feriu um tanto vossa suscetibilidade?

— Traga mais café.

— Nosso intuito não é perder tempo, nós estamos aqui para aprender mais e melhor.

— Os srs. têm razão. Valente que horas tem?

— Professor, nós não temos culpa dêsse insucesso nos exames.

— Venho todo dia no estribo de bonde mas nunca na entre-via.

— Será que não teremos pelo menos uma chance, uma vez que em mesa redonda prometestes acudir ao nosso apêlo?

— Vocês já tomaram "Run and Coca- Cola?"

— Lembra-se Professor que no dia da reunião concordaste conosco em tudo no dia seguinte tivemos uma surpresa?

— Os srs. têm razão, mas ainda acho que vou para a Bahia.

— A nossa causa é justa, não é verdade Professor?

— Os srs. têm toda razão, mas um particular, nem todos estão reprovados, sòmente de 1 à 83 é que pegaram a dependência no duro. Valente quer me acender um cigarro? Até logo...

Autor: BRODERRRRS. S. S.....S

—o—

— Você viu que feliz que é o atual 3.º ano, conheceu já no primeiro dia Professor Cunha Motta?

— E com isso?

— Ora, nós só o conheciamos de nome, e só depois de oito meses chegamos conhecê-lo de vista.

—o—

Callia — Tico-tico, você sabe qual é relação que existe entre bar da Escola e Revolução Francesa?

Tico-tico — ?????

Callia — E' a fome, a peste e a carestia.

—o—

"As nossas mais sinceras congratulações ao sucesso obtido na escolha da Miss Mac-Med. O mais sinceros votos de felicidades à senhorita Funcia!"

—o—

O 3.º ano já iniciou curso de patologica com novas diretrizes e ao que parece teremos um curso mais honesto.

"O sangue dos heróis é a semente do progresso".

Qualquer semelhança com o atual 4.º ano é méra coincidência.

Declaração de Princípios

povo brasileiro a sua manifestação sincera de moços, despida de qualquer coloração politico-partidária, mas cheia de fé nos principios que reputamos crença comum a todos os

Os Estudantes de Escola Superiobrasileiros e o fazem para:

res de São Paulo, reunidos em Congresso Contituinte da União Estadual de Estudantes, acreditando agora como nos passado, que, como parte integrante do povo brasileiro, têm o dever de se definir diante dos problemas prementes da classe estudantil, da propria nacionalidade e do mundo, trazem aos estudantes e ao

NO CAMPO INTERNACIONAL

1. Reafirmar, em unissono, co mtodos os povos do mundo, a sua fé na solução pacíficia dos problemas internacionais.

NO CAMP ONACIONAL

2. Reforçar seu apelo no sentido de defesa da industria nacional e das riquesas naturais do Brasil, particularmente o petróleo, atravez da luta incessante e coordenada contra, o ante-projeto de Estatuto do Petróleo em curso na Camara Federal, e contra a concessão de emprestimos a grupos particulares para a exploração da industria do petróleo.

3. Condenar energicamente os sucessivos atentados dos poderes constituidos ás liberdades de reunião, associação elivre manifestação do pensamento asseguradas pela Constituição Federal de 1946, de que são exemplos frisantes a recente invasão da UNE, a prisão e processo de colegas cariocas, o desrespeito á inviolabilidade de domicilio, a dissolução pela violencia de manifestações populares de carater nacionalista destacando-se, entre todos, a aplicação da já caduca Lei de Segurança de 1937, e, no presente, a tentativa de legalisação desses atos pela apresentação em carater de urgencia na Camara Federal, da lei de Defesa do Estado, mera cópia da lei anterior.

4. Definir-se contra o uso da falsa justificativa de perigo á ordem pública para exercer coação e violencia contra qualquer cidadão brasileiro.

NO CAMPO ESTUDANTIL

5. Bater-se pelo aumento de verbas destinadas a fins educacionais e culturais.

6. Solidarisar-se com os estudantes de Direito, suspensos por falarem em favor de seus colegas quando o faziam apenas expressando o sentimento da classe, no sentido de evitar que fatos semelhantes se repitam.

7. Levar avante com firmesa e entusiasmo a recem-fundada UEE de São Paulo, e tudo fazer para que ela cumpra as suas finalidades de defesa dos interesses estudantis, num ambiente democratico, afim de estar á altura dos gloriosos destinos da terra bandeirante e da patria brasileira.

2.a Clínica Cirurgica

O CORUJA

No 1.o dia de aula, naquele celebre anfitreatinho de martirizar genteos, o Prof. Vasconcelos presenteou-nos com o que passamos a chamar de "Guia Vasco", algo muito bem feito como o "Guia Levy" Só que mui cuidadosamente o "titio" Vasco deixou entre-linhas a questão do zero, premio idade medianesco a desafinada que destôa com o louvaquem comete 5 faltas. E uma nota vel desejo do catedratico da 2.a C.C. de ministrar-nos um curso eficiente.

* * *

O negocio semi-confuso. No começo, o senhor Todo-Poderso da 2.a C. C. deu uns "pulinhos" (ai de uns 20 crus) porque ninguem tomava nota no caderninho exigido e re-exigido por ele. Veio uma apresentação de casa, e... "todos apaticos e de braços cruzados". O Salvador Cromberg é pego de fininho para bode expiatorio...

— O senhor ai, corto a cabeça se for capaz de repetir o que foi dito.

E o gemeo-heterozigotico do Orlando Infame..., repete tim-tim por tim-tim, o resumo do caso e até as taxas do hemograma! Resultado: alguem ficou "entupido" mas a sua cabeça continua firme e... sem gorrinho nas aasas operatorias.

* * *

Agora, mestre Vasconcelos corre as enfermeiras estrilando:

— Vocês parecem crianças. Copiar no caderno não adianta nada. Isso é para grupo escolar(!?). Precisam comprar livros, isso é que é. Será possivel que ninguem ainda comprou os livros que pús na lista?

* * *

Entendam isso agora. Será que ele desconfiou que eu usava o caderninho para tomar estas "notinhas"?

O ensino da clínica médica

OBSERVADOR

A recente campanha feita pelo Dr. Paulo de Godoi no sentido de mandar abrir o concurso para as cadeiras de clínica médica vagas, fez voltar á baila a questão da nova organização a ser dada ao ensino dessa disciplina, fundamental para a formação médica.

Existem duas vagas: aquela que foi aberta com pranteada morte do Prof. Rubião Meira e a que foi criada com a aposentadoria do Prof Ovidio Pires de Campos. Dentro de pouco tempo mais, com as aposentadorias dos Professores Almeida Prado e Cantidio de Moura Campos, mais duas vagas serão criadas. E' o instante ideal para uma reforma na estrutura organica dessas cadeiras, reunindo-as em uma unica Catedra e subdividindo esta em séte disciplinas: Semiologia, Cardiologia e Molestias Renais, Gastroenterologia, Nutrição e Endocrinologia, Hematologia Clinica, Pneumopatias e Molestias Infecciosas e Parasitárias, cada uma destas disciplinas entregue a um Professor **escolhido por concurso**, mas sujeito á verificação de sua autoridade cientifica e didática em cada sete anos. E' a unica maneira de estruturar em função do ensino e do interesse cientifico, a cadeira de clinica médica, pois dessa forma se impedirá a "fossilização" dos professores, seguros na vitalidade da catedra, e se possibilitará aos alunos um ensino mais eficaz.

Porque não aproveitar o instante, e mque se elabora tambem o Novo Regulamento da Faculdade, para se proceder a reforma tão urgente quanto justa e necessária?

NELSON REGO

Programa mínimo para Diretoria da U. E. E. para 1949

1. Dar ampla divulgação á Constituição do Estudante Paulista no meio estudantil, remetendo exemplares a cada Centro Acadêmico filiado. Facilitar a obtenção de exemplares pelos interessados.

2. Obter séde para o funcionamento da UEESP.

3. Obter receita junto aos poderes constituidos. Conseguir receita variavel através de campanhas financeiras. Propugnar por doações.

4. Criar comissão encarregada de estudar a realização da Casa do Estudante Paulista, exigindo da mesma um relatório minucioso no prazo de 6 meses, a contar da data de sua nomeação.

5. Encarregar a secretaria de Assistencia de:

a) batalhar pela criação do restaurante central universitario.

b) conseguir imediatamente refeições a preços módicos para os estudantes, junto ás instituições ou orgãos existentes.

c) trabalhar para criar o serviço de assistencia médico dentaria, e

d) procurar aproveitar os serviços médicos, dentarios já existentes no Centro de Saúde da Faculdade de Higiene e Saude Pública, Retoria da Universidade de São Paulo e Hospital das Clinicas da Faculdade de Medicina.

6. Empenhar-se em articulação com a Federação Universitaria Paulista de Esportes, na criação de Estádio Universitario, baseando-se no decreto-lei 3.617 de 15 de setembro de 1941.

7. Encarregar a Secretaria de Imprensa e Publicidade da criação e manutenção de um serviço sem fins lucrativos em contacto direto com as editoras nacionais e extrangeiras, para fornecer livros com descontos aos estudantes.

8. Trabalhar para conseguir redução de 50% nos preços das passagens dos transportes coletivos urbanos, para os universitarios.

9. Lutar pela autonomia da Universidade de São Paulo.

10 — Enviar a cada Centro Acadêmico de dois em dois meses, uma súmula das atividades desenvolvidas pela UEE.

Livraria Atheneu

Especializada em Livros Médicos

RUA MARCONI N.º 131

Secção de Vendas no

Hospital das Clínicas

Quando morrer

Ao morrer, mestre Xilor
Dizia lépido e guapo:
"Quero que o meu caixão
Seja de couro de sapo".

Disse ao morrer, Floriano
Ictérico e amarelo:
"Coloquem no meu caixão
Um quilo de cogumelo".

Estamos em véspera de exame
Disse o Locchi que ia morrendo:
"Ponham porisso no esquife
O Testut para eu ir lendo".

Quando viu que ia morrer
O Foca num gesto fino
Pediu para ser enterrado
Na caixa do seu violino.

Milton do Amaral, moribundo
Dizia com amor e carinho:
"Quero que na minha campa
Venha cantar um passarinho".

Pouco antes de morrer,
O Lord ainda dizia:
"Quero ser conservado
No Museu de Embriologia".

Quando o Di Dio morreu,
Mestre Locchi até chorou
E o sino da Catedral
Nêsse dia repicou.

Alberto, Português, da sua cova,
Dizia em tom todo ufano:
"Esperem lá eu não morrí,
Eu acho que houve engano".

No enterro do Odorico,
Deu-se um fato de assustá;
O cadáver se ergueu
E exclamou: "Huum? Será?"

Ao morrer, dizia Orsini:
"Comigo ninguém se meta;
Quero que o meu enterro
Sempre siga palpeleta".

"Oh, que morro", disse Franklin,
E num esforço sem par,
Deu sua última aula
De Fisiologia Muscular.

Chega à cova o Andorinha.
Diz um verme: Que maçada,
Será que até para nós
A carne está racionada?

Ao expirar, Cunha Motta,
Disse em tom eloquente:
"E' chegada a minha vez,
Dos vermes sou "dependente".

"Oh, meu Deus, diz o Pessôa,
Por pouco a morte me leva;
Não tinha me segurado
No rabinho desta ameba".

Alipio, do seu caixão,
Gritava com encenação:
"Quero que se dê aos médicos
Maior remuneração".

Eurico Bastos pediu,
Ao lhe fecharem o caixão,
O fizessem com sutura
Usando fios de algodão.

Vasconça quando morria,
Falou num tom oratórico:
"Façam chamada no enterro
Que enterro não é teórico".

"Quando eu morrer, disse o Celestino,
Tratem a cova com carinho,
E não esqueçam do coveiro
Colocar um retratinho".

Eis que morre Paula Souza,
Sem fazer nenhum alarde,
Mas os alunos gritavam:
"Morre e já vai tarde".

Disse, ao ser enterrado,
Da sua cova, o Faria:
"Morro, mas levo comigo
A velha Secretaria".

Laerte ia no caixão,
Quando gritou assim:
"Ou vocês vão mais depressa,
Ou deixem que eu vá por mim".

AVE - MARIA

Ave Maria — ora os céus dizem;
Gratia plena — canta a terra
E unidos ambos a bendizem
Pela doçura que Ela encerra.

Fala a criança — á Mamãezinha!
E o homem diz — Regina Pacis!
De tarde é já, de tardezinha
E o sol das flôres beija as faces.

Longe cantou alegre sino,
Levou-me a prece a brisa leve,
Encheu os ares um doce hino,
Da Virgem foi-se a hora breve.

Foi-se deixando nos espaços
Algo de bom e de suave
No colorido de seus traços,
No seu encanto puro e grave.

CACILDA CUBA DOS SANTOS

Recebemos e agradecemos

E' com incontida satisfação que assinalamos aos colegas a consecução de assinaturas gratuitas das esplêndidas revistas literáriah "Revista Anchieta" e "Atualidades Literárias".

E aproveitamos o ensejo de mais uma vez agradecermos a generosa concessão feita pela direção dessas Revistas.

Os números recebidos estão á disposição dos colegas interessados que deverão dirigir-se ao secretário.

O futurismo literário

O movimento literário moderno veio criar um interiotivismo positivo numa classe de indivíduos que podemos chamar de intelectuais.

O romantismo poetico na atualidade tem uma tendencia um tanto piegas e forçada passando a ter uma falsa naturalidade.

Não pômos em duvida nem desmerecemos o valor das obras classicas e romanticas, que representam marcos no cenario literário.

O valor transcendental da literatura moderna está baseada na pureza de forma, na liberdade de expressão, sem imposição estetica. Na Verdadeira razão da palavra" são as formas núas literarias".

O autor escreve o que sente e o que vê, sem esforço imaginativo, mas com força de expressão.

O modernismo literário é o tema indefinido, que nos leva a concepção a mais metafisica possivel.

Não existem versos nem frases, existem fugas. Cada uma tem um sentido próprio, cuja coletividade de fugas dão o sentido exato de um fenomeno natural, literalmente expresso.

Esta poesia caracterisa-se, pelo movimento, forma, elasticidade das palavras; é a tendência ao maior subjetivismo e ao menor objetivismo. Esta literatura, na forma éa síntese, de uma série de observações sobre omesmo fenómeno, o que nos leva a crer na possibilidade de uma estrutura, que a primeira vista nos aparecerá, desharmônica, mas cujo fundo psicológico associado á parcela adicional individual nos dará, a idéia a mais sólida do fato.

WILLIAM CALLIA

ANGÚSTIA

Nêste globo em vertigem
pelo espaço trevoso,
vou girando,
rodando,
em busca de pouso.

Os astros faiscam
no zimbório sem fundo.
Vou sempre ansiando
o této do Mundo,
sempre à procura
do sólo do Mundo.

Nada. Só astro luzente,
tréva cruciante,
abóbada sem fundo,
vertigem do Mundo;
e a presença sensível
de um Ser que domina,
que tortura, que anima...

ADHEMAR FIORILLO

Homenagem ao Ex-Diretor de "O Bisturí", acadêmico que é bem um símbolo no meio universitário estudantil.

OS VÉRMES

Oh, Vérmes, que redimís todos os cativeiros!
A vós em que Hamleto já cismou no cemitério,
Escutando as canções alegres dos coveiros,
A taparem com terra a bôca dos mistérios.

Dais uma solução a todos os problemas.
E a vossa bôca responde a todas as perguntas;
E revelais ao mundo as intuições extremas
Dos nervos despojando as vértebras e juntas.

Sois a consolação dos grandes infelizes
E a todos propinais o eterno esquecimento.
A imigração que déste a cova não tem crises
E é sempre hospitaleiro vosso alojamento.

Sim, vós sois o princípio igualitário, o nivel
Que une patrício á plébe e o bárbaro ao romano.
Sois a lei do equilíbrio e sois o indestrutivel,
Ante o qual aparece o grande nada humano.

E será a vossa presa, aquele que vos fa
Quando alguém me cobrir das mortuárias vestes.
Aí, as vossas legiões viscosas de ala em ala,
Hão de me visitar a sombra dos cipréstes.

Soltando emanações mefíticas da carne,
Hei de me grangrenar na fúnebre jazida,
Para que o vosso rijo acúleo me descarne os ossos
E me rilhe os músculos sem vida.

E quando o meu caixão, roído de humidade,
Se cobrir de bolôr esfacelar-se todo,
Então, formigareis na impassibilidade
De um cadáver gelado, oh! Átilas do lôdo.

Vazias me fareis as órbitas dos olhos,
Lagrimados sempre todos os instantes,
E com a penetração aguda dos abrólhos
Me cravareis na carne os dentes lancinantes.

Entrando-me a granel aos bandos pela bôca,
Pelos olhos, pelo nariz e pelos póros
Far-me-eis uma carcassa abominavel e oca,
Fosforecendo mais que os fulvos meteóros.

Onde houve um coração votado ao exagero
Do tédio, das paixões, do amor das esperanças,
Entregue a solidão cruél do desespero
E do tédio feroz varado pelas lanças.

Apenas se acharão os restos de uma esporja,
Embebidos no fél da podridão suprema.
E os homens negarão por fim, sua lisonja
Do órgão donde golfa a preamar do poema.

E de todo êse corpo, onde a beleza um dia
Oh! Vérmes, floresceu para os banquetes vossos.
Apenas restará uma caveira fria...
Apenas restarão desconjuntados os ossos.

E o meu crânio que conteve a lógica fria
Da poesia entreaberta em cálices de rosas.

E este então ,mostrando buracos diferentes
Sem olhos, sem nariz, sem lábios, sem cabelos,
Há-de rir! Há-de rir, apresentando uns dentes,
Donde a ironia irrompe envôlta em pesadelos.

Tu que me lês não vás taxar de impuro arrojo
Vir eu te revelar toda a nudez da morte.
Não te rias de mim nem cuspas o teu nojo,
Pois, talvez, amanhã terás a mesma sorte.

OTÁVIO FIRMINO MONTEIRO

VELHO TEMA

Movida pela febre da existência
de cada ser a vida tumultua;
só da calma a esperança que flutua
mitiga-lhe da luta a persistência.

Perdida pelo mar foge a falua
das procelosas vagas á inclemência...
Assim também, dos males com frequência
a vida foge... e a esta o bem recua.

Porém, avança mais pelo desejo
de conquistar um pouco bemfazejo
e, quando exausta enfim sorri-lhe a sorte,

notando ao longe o suspirado abrigo,
mal sabe que a esperá-la vem a morte
para a suprema calma do jazigo.

TULIO MIRAGLIA

Ao cochichar do vento

(SONETO)

Ouvistes o murmúrio do vento?
Ou o ruido das ondas marulhando?
Era por certo, o meu pensamento,
Que vos falava, então, cochichando.

E êsse cochicho suave e tão lento
Que os ventos iam céleres levando,
Erau ma préce e era um juramento
Quee m pranto vos estava mandando.

Com saudades vossa fico, em pranto,
Ao ouvir da igreja os sinos tocando,
Quando ao negrume do céu estou olhando.

E olhando á noite escura... em espanto
Sei que o vento vos leva o meu canto,
Pois eu, também, vos ouço cantando.

ENÉAS BRASILIENSE FUSCO

S. P. — 5-2-49.

PESADÊLO

Vianna Moog em seu esplêndido livro Eça de Queiroz e o Século XX, faz referência ao regime idade medianesco que vigorou na celebrada Universidade lusa de Coimbra na época d'Os Vencidos da Vida. E narra a censura de que foi objeto um dos professores pelo simples fato de ter raspado o bigode, o que não era condizente com a dignidade do magistério!

Ri-me, como era natural, da infelicidade dos alunos de Coimbra, diante da diabólica severidade e do conceito asnatico de dignidade dos medalhões daquela época. Isso foi a uns quatro anos atrás, quando mal havia botado os pés neste magestoso Templo de sabedoria e de virtudes santas. Eis porém que, outro dia, cansado das correrias pelas enfermarias, recolho-me fatigado ao leito que compartilho com as pulgas. Ainda caminhava nos suburbios do sono e. coisa estranha, ouço vozes cavernosas ressoando como dentro de um tunel: n. 1, n. 2, n. 3... Viro-me inquieto para todos os lados e nada vejo. E a voz continua cadenciada: n. 33, n. 34, n. 35... Angustiado, olho para Morfeu que me acompanha e vejo a inquietude pairar nas suas faces de perene serenidade. Previa, por certo, a intempestiva interrupção da viagem recem-encetada. Número 54. Como uma limalha de ferro que, quando dá por si, está pegado ao imam, surpreendi-me com a minha própria voz dizendo: "Presente". Achei simplesmente absurdo. Sem dúvida, fora o automatismo de 4 anos de grupo escolar que me forçara a isso... De repente, tudo se fez silêncio. No reino de Morfeu tudo era colchões de molas com a face de inverno sobre o estrado dos magníficos leitos, e a face de verão à disposição da gente. E já antegosava a delícia de paina daqueles leitos quando sinto se me arrepiarem todos os pelos do corpo. Um gato preto passa miando e logo. uma voz tetrica. brotada do fundo da Terra, faz trepidar o solo: "Verme que ainda pagas as penas do mundo terreno, tú também virás para estas chamas mefistofelicas que me chamusqueiam a alma pela petulância que tens de erguer tua misera voz contra a pluriciência e virtude dos teus mestres. Riste de mim, riso oco e sem fundo, mas na algidês do teu mundo, verás cego [illegible] ico, que quando despertares, tam[illegible]. E' o meu método [illegible] aperfeicoado pelo [illegible] em reinhas, é a [illegible] embainhada, [illegible] velado como [illegible] com a ponta de [illegible] Não [illegible]? Que é então o [illegible]ário de notas por fal[illegible] Patologica e a "cinco faltas co[illegible] espondem a zero" da Segunda Clínica Cirurgica? Que é isso então ser sem filotimia, que não vês o Poder pizotear impunemente o Direito de 30% de faltas que a lei te faculta? Sentes-te incomodado na tua eutimia? Porque não te ris agora? Viste por acaso como o Direito dos terceiranistas foi esfarelado pelo Prof. Lulgero da Cunha Motta, quando reinvindicaram a eficiência do curso dos anos anteriores? E notaste como os outros professores puxaram o Veu de Maia sobre os seus respeitáveis olhos, num comodismo auto-defensivo? Ri, pois, ascaris humano, pois que, por seres humano, podes rir da tua cucurbiteza. Teu riso sandeu é livre, ria pois de novo, agora de ti mesmo, da tua sandice. Ri da tua asnice, todas as vezes que lembrares que o "titio" Ludgero afirmou enfaticamente que sempre foi partidário da Frequência Livre (?). Gargalhe ou chore para eu sentir menos a fogueira do inferno, ao te lembrares da metamorfose batraquiana das aulas teóricas em "teóricopráticas" ou "aulas de anfiteatro" e á persistência a despeito disso, da caudinha do girino: a prova escrita. Ser ledo e cego, nem vês a semelhança disso com o integralismo e o P. R. R. Não vês o que te cerca, só enxergas o passado. Não percebes a arbitrariedade, o discricionalismo, o vazio de fundamento legal que te aplicam. Que o Briquet dê sabatinas semanais e não mensais apenas, são os meus votos, e que seja instituído o boletim mensal. Que a minha escola continue, aperfeiçoada e hipertrociada em espantoso grau pois que é ser sem dignidade, incapaz de distinguires as más aulas das bôas. Senão como se explicaria a tua "Assiduidade às aulas do dr. Oscar Monteiro de Barros", as únicas que "não têm chamadas"? Riste de mim, mas a verdade é que me sinto amesquinhado diante dos teus mestres, pois nunca alcancei a "Onipotência" dêles e nem nunca fui tão "Tabú". Até o Américo me destrona. Sob o teu nariz visteo pegar no braço do Presidente do CAOC como só se pega a um biltre e meter o nariz em questões do Diretor de Séde. Tasquiado à altura, saiu bufando, é bem verdade, mas o fato aí está: até os funcionários querem defecar nos alunos. E bem que merecem. Eu sempre pensei assim. Que a "Secretaria" mande outros circulares como aquele que mandou os assistentes fazerem as chamadas e que se jubilem todos os quinhentos tunantes que vieram vagabundear na Faculdade de Medicina. Esta é minha vingança: mostrarte a realidade impiedosa que paira sobre ti, rasgar o delusório que existe no céu límpido e ensolarado de Dezembro, quase sempre prenuncio de borrasca. Riste de meu rigorismo. Sentes-te bem agora?" Acordo sentindo-me ainda atordoado com a gargalhada que fez vibrar o meu tímpano. Porém tudo está calmo. Ao lado, o meu companheiro ronca o sono dos justos. Pesadelo idiota, pensei. Antes assim; que o ruim fique o mundo onirico. A realidade na minha Escola é cor de rosa. Somos tratados como merecemos, como cidadãos iguais aos mestres; aqui se procura sazonar os espíritos dando a indispensável liberdade espiritual. Por isso é que sempre soubemos usar a "Liberdade", coisa mais difícil do mundo. Nossos mestres são mansos e complacentes. Há exeções, porém raríssimas. São Pedro só não dará o seu lugar ao Prof. Celestino, que chega ao cumulo de organizar fichários como os do Gabinete de Investigações, com retratos 3|4 e impressões digitais. Ele é, porém, o único caso de ruindade nesta mansão santa. O Alípio, o Silva Bastos e alguns, mais são outras pequenissímas exeções que nem pesam na balança. Sentime invadido de tamanha alegria que não pude dormir o resto da noite...

Aos Estudantes de Medicina

Considerando a gravidade da situação presente, nós, estudantes de Medicina, abaixo assinados, subscrevemos o Manifesto que acaba de ser lançado na Capital da Republica, por nomes os mais iminentes da intelectualidade brasileira, ao mesmo tempo em que chamamos a atenção dos colegas para esse documento da mais transcendental importância.

"A TODAS AS ORGANIZAÇÕES DEMOCRÁTICAS — A TODOS OS DEFENSORES DA PAZ"

"Ainda estão vivos no espírito dos povos os horrores da guerra, a devastação de paises inteiros, o sacrificio sem par da mocidade de todo o mundo e de nossos gloriosos expedicionários. Entretanto, uma insidiosa propaganda guerreira é feita diáriamente, através dos mais diferentes meios, em grande número de paises e em particular no Brasil, incitando á inimizade entre povos e nações.

Diante dessa realidade e sentindo um recrudescimento da propaganda e dos preparativos destinados á arrastar milhões de sêres na voragem sangrenta, nós, brasileiros amantes da Paz e da Cultura, escritores, artistas, cientistas, jornalistas, intelectuais, politicos e organizações de todas as tendencias, vimos de público apelar para todos os patriotas e em particular para as mães brasileiras que não querem ver seus filhos sacrificados na hecatombe afim de que se lancem á luta pela Paz, certos de que preservá-lá é a missão suprema de todo o ser humano. Não queremos novas carnificinas, novas ruinas e destruições. Queremos Paz, felicidade e progresso para todos. Por isso, acima de quaisquer divergências, um ponto de união há para ligar entre sí todos os cidadãos honestos: **querer a Paz e lutar pela Paz e pela Democracia.**

"Poucos paises poderão orgulhar-se de tradições pacificas tão arraigadas quanto o nosso e a tal ponto que em três constituições republicanas se declara categóricamente que o Brasil não se empenhará em guerra de conquista, por sí ou em aliança com qualquer outra potência. E se nossos estatutos básicos consagram tão nobres principios os fatos comprovam, para honra nossa, que em tôda sua história o Brasil jamais agrediu país algum.

"Fieis as melhores tradiçõeõs brasileiras e convencidos de que **só num clima de Paz poderá progredir a nossa pátria**, fieies ao dever humano e patriótico de alertar nosso povo contra o perigo de guerra, lançamos agora uma grande jornada que é a da convocação de um CONGRESSO BRASILEIRO PELA PAZ, a reunir-se no dia 9, 10 e 11 de abril próximo nessa Capital. Nessa magna assembléia deverão estar representadas todas as forças amantes da Paz e pessôas humanitarias, homens e mulheres, velhos e jovens, organizações religiosas, populares, politicas, culturais e cientificas, para que assim o povo possa reafirmar os seus elevados propósitos de lutar contra uma nova chacina de milhões de sêres presedvando ao mesmo tempo os seus irmãos de outros paises e seus filhos.

"Temos por isso o direito de esperar que se ergam em todo o Brasil as vozes dos defensores da convivência pacífica entre os povos e da tranquilidade para os coraçõeõs humanos. Que essas vozes cresçam e se façam tão poderosas a ponto de deter os braços incendiários de guerra, fazendo-os recuar da louca aventura que tramam contra os povos. QUE SE LEVANTEM TODAS AS VOZES HUMANITARIAS, CLAMANDO PELA SEGURANÇA E A PAZ NO BRASIL E NO MUNDO"

Ao mesmo tempo que subscrevemos esse manifesto, fazemos um apêlo para que se organize, o mais rápido possível, uma Comissão para a Defeza da Paz, que irá juntar ás vozes humanitárias de todos os brasileiros, o clamor dos estudantes de Medicina da Universidade de São Paulo para a Defeza da Paz, da Cultura e do Progresso.

São Paulo, 16 de março de 1949.

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

aa) Roberto Fortes
Roberto Brólio
Walter Belda
Nelson Manoel do Rego
Matinas Suzuki
Alvaro de Almeida Magalhães
Motaury Moreira Porto
Luiz Hildebrando Pereira da Silva
Samuel Karabtchewsky
João Teixeira Pinto
Tangredi Grecco
Agostinho Betarello
Edsel Gallacri
Rubens Nicoletti
Neulis Pedroso Brigagão
Ernesto Lima Gonçalves

Campanha Anti-Venerea

NELSON REGO

Depois de uma exposição que durante alguns dias do ano passado ocupou os salões da Galeria Prestes Maia, continuam os dirigentes da Liga Paulista Anti-venérea em sua campanha de "instrução" do publico e levantamento de verba para construção de um hospital especializado para o tratamento das molestias na vida impura.

Talcampanha, se visa por um lado promover a melhoria da saúde de bôa parte da nossa população, e nisso merecedora de aplausos, peca por outro lado por sua unilateralidade e falta de orientação humana e social.

Assim é que vemos, nos salões em que está instalada a campanha uma detalhada exposição de peças mostrando objetivamente toda a patologia venérea, ao lado cartazes em que se recomenda o tratamento ou os "cuidados" higiênicos a serem tomados pelos que praticam a vida impura. Não se vê um cartaz siquer mostrando as vantagens da castidade. Até pelo contrário, o ato sexual é considerado como coisa que "todos fazem" de um mdo ou outro.

Tal campanha é caracteristica dos tempos modernos, em que os especialistas tratam de problemas complexos encarando apenas uma de suas facetas (e no caso em apreço encarando mal essa faceta) e, ao produzir uma solução superficial e temporaria, criam o clima de uma falsa segurança, deixando que continuem a agir profundamente as verdadeiras causas do mal.

Quando nossos lidores sanitarios se convencerão de que uma paixão só pode ser vencida por outra paixão, e que á poderosa solicitação da carne unicamente a graça de Deus, acendendo no coração humano o fogo da caridade, póde se opor vitoriosamente?

CASA DO ESTUDANTE

Até que enfim, levanta-se, entre nós, a campanha pró-Casa de Osvaldo Cruz. Não é preciso dizer, que se trata de uma emprêsa audaciosa, realizável para os otimistas e trabalhadores, utopica para os pessimistas. Necessário se torna a união de todos os alunos desta Faculdade, em pról de obra tão humanitaria, quão util. Humanitária, porque tirará muitos estudantes de certas espeluncas por aí e lhes dará um ambiente mais culto e sadio. Util, porque, poderá ser uma boa fonte de renda ao Centro.

Tal empreendimento, de maneira alguma, não pode ficar apenas com os alunos do interior, que são em minoria. Dirão os outros: vocês estão interessados, porqque serão os unicos beneficiados. Mas, esta Casa, com toda certeza, não servirá para nenhum aluno, que esteja atualmente no curso médico, pois, a Faculdade de Direito, com muito mais projeção social e co mgrandes esforços, levou mais de dez anos, para ter a sua Casa do Estudante. Demorou, mas o que interessa, é que os colegas de Direito, hoje são possuidores de uma Casa, de que se podem orgulhar, porque, creio, no Brasil, não há igual.

Atualmente, estamos esforçando-nos para conseguir do Governo a doação de um terreno proximo ao Estadio. Certamente, a Assembléia Legislativa saberá prestigiar-nos. Acreditamos, então todos se levantarão, sejam da Capital ou do Interior, na Campanha financeira pró Casa de Osvaldo Cruz.

E, mais tarde, os futuros acadêmicos de medicina saberão agradecer nosso magnânimo trabalho.

Nelson de Carvalho Seixas

Noite de Insonia

CONTO DE MATINAS

Silencio. Tudo quieto, tudo calmo, tudo morto. Só o irritante dueto cacofonico de um policial e de um lulú que latem algures denuncia vida. Noite de calmaria costafricana. E não fosse o arranhar dos latidos e poder-se-ia ouvir o silencio. Nem as folhas farfalham, tudo é quietude, tudo dormita, até a brisa... No leito da rua, leito verde de grama, toscaneja a luz das lampadas dos postes. E até o trilar esporadico do guarda-noturno parece provir de umoutro mundo, o mundo de Morfeu. Nos lares pairam a sombra e o silencio, a mesma sombra que envolve a Terra, o mesmo silencio que acompanha a sombra. No Leito de morte fisiologica, o riso, a voz, o abjeto e o nobre repusam com o animal que rí, que chora e que faz rir... O céu, cúpula infinita em sua grandeza, é um choque entre claridade e negrume, claridade que das estrelas jorra, negrume que vem de onde? Silencio. Quietude. Até as esgarçadas nuvens espalhadas no céu parecem pregadas no ar dormente. Só a lua se move. Prisioneira inconformada da Terra, ela procura a liberdade enquanto dorme a despota; e caminha silenciosa por entre as nuvens sem farfalhar a seda amarela da saia de luz que se arrasta na Terra. Por estas bandas tudo dorme. Menos eu. Estou acordado, velo o sono, o sono que ronca em mim. E no entanto, labutei o dia todo, não almocei e acabei não jantando. Estou cansado e não sinto, devo repousar e não consigo. Há dentro de mim uma luta, e o tumulto íntimo é o soporifero do Morfeu. Por isso não durmo, não consigo dormir. E as horas passam e eu não percebo, não sinto o tempo, só sinto o pugilato silencioso que me faz sofrer. Amor. Dever. Como apaziguá-los? Como? E' o coração amoroso que choraminga e se lamuria, que sangra e que exige, que sofre e me faz sofrer. E' o coração sizudo que não quer e não pode romper o cordão umbelical do dever que me liga aos semelhantes sofredores. Para atender aos chamodos de toda hora, forçado me ví a faltar a múltiplos encontros, a mancar, mancadas sobre mancadas, com a soberana do meu coração. Pois só há um médico neste lugarejo; eu. Ironia desta vida infinitamente ironica. Esta Cidadela virgem de olhos clinicos foi a minha satisfação de recem-formado. Nenhum esculapio para disputar os meus doentes. Agora choramingo a falta de um colega. Sim pois o estopim chegou a bomba vo e lá se foi ela para a Fazenda coe a coisa estorou. Atrasei-me de nomo corvo agourento que nos viveu rondando. Venceu-me e o meu dever de médico foi o seu aliado. S. Antonio. Que nojenta promessa ter-Vos á feito aquele crápula ao ver-Vos erguido no mastro do terreiro, iluminado pelo clarão vermelho da fogueira? Por certo tereis piedade de olhar melado de inquietas promessas daquele paspalho, daquele bipede empavoonado de vaidade e dinheiro, de vacas e cafesais. Algo há de suceder, é preciso que suceda, para fazer retornar o anjo que me pertence.

— Trimm...

Abandonou-me. E no entanto, ela me ama, tenho certeza...

— Trimm...

... e eu a adoro, ela bem sabe.

— Trimmm...

— Alô.

— E' o doutor Roberto?

— Sim.

—Pelo amor de Deus, doutor, venha depressa que a dona Rita está morrendo de sufocação...

A mãi dela! Por certo acometida por uma crise de dispnea paroxistica. O seu estado nãoera bom ultimamente. Cansava-se com facilidade. Agora veio a descompensação cardíaca. Creio que é a oportunidade que destino me dá para reconquistar a mulher que amo. Ela haverá de perceber que se eu estivesse na fazenda, divertindo-me ao redor da fogueira com as batatas assadas e o churrasco, ao som dos violões e cavaquinhos animando o arrasta-pé e dos estouros das bombinhas e rojões, estaria longe da sua mãi que ora necessita de mim. Era isso que debalde procurei mostrar-lhe sem nunca ter sido ouvido. Agora a coisa vai direito ao coração. A sua mãi. E quando ela regressar, com o coração opresso de medo e susto, haverá de encontrar tudo calmo nesse lar que a viu desabrochar. E então haverá de me compreender, e voltará aos meus braços agradecida e pedindo perdão. Sinto que a tranquilidade se opodera de novo de mim. Apresso os passos. A minha passagem, o silencio estremece com o toc, toc, dos meus sapatos. Subito estremeço. Sinto bater o coração. E se ela não perceber o significado disto tudo?...

Aperto os dedos no cabo rijo da valize. Nos ouvidos, toc, toc, dos meus proprios passos...

Breve relatório das atividades da Diretoria Fortes

1) CURSO DE PREPARATÓRIOS AOS EXAMES VESTIBULARES: Será mantido pelo CAOC, com os objetivos de: preparar melhor os futuros alunos da Faculdade; prestar auxílio financeiro aos estudantes de medicina em troca do serviço por eles prestado como professôres, propiciar aos estudantes de Medicina ocasião de adquirirem experiencia em dar aulas; angariar fundos para a tesouraria do CAOC. Os professores do Curso serão escolhidos por concurso, tendo já sido encerradas as inscrições para os cândidatos. As bancas desse concurso serão constituidas por professores e assistentes da Faculdade, já escolhidos pela Direção do curso, atualmente sob a responsabilidade do Departamento de Cultura do CAOC. O curso funcionará e mdois períodos e serão cobradas mensalidades de 200 cruzeiros; as vagas estão limitadas a 80 no corrente ano. O curso ficará instalado em sala do Dispensário Momeopatico "São Paulo", á praça João Mendes, cedida graciosamente por D. Helena Minin. Tal curso, no dizer do presidente Fortes, "é a unica maneira concreta de se conseguir uma verba fixa para o CAOC e de com ela constituir um patrimonio que possibilite a construção da Casa de Oswaldo Cruz e a ampliação das atividades médico sociais por ele desenvolvidas".

2) NOITE DE MAIO: Vai ser realizada a 14 de Maio, no Pacaembú, cedido gratuitamente, já ornamentado, pelo Sr. Prefeito da Capital. A Diretoria pede a colaboração de todos para o sucesso do tradicional baile do CAOC. Tocarão as orquestras de Walter Guilherme e de Seraphini.

3) VERBA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA: Foi concedido ao CAOC o auxílio de 25 mil cruzeiros pela lei n.o 200. A Diretoria já tomou todas as providencias para recebe-la, estando atualmente o presidente Fortes empenhado em conseguir do Sr. Secretario da Fezanda o pagamento, cousa que tem estado dificil dado a angustiosa situação financeira do Estado.

4) LEGALIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES: Trabalho sob a responsabilidade do academico Walter Belda, constitue o ponto central da plataforma da Chapa Fortes. Está sendo reunida documentação para apresentar um memorial ao Sr. Governador, solicitando que o Centro passe a ser dona "de juris" daquilo de que já é dono "de fato"

5) BAR: Problema complexo e delicado, tem merecido especial atenção da Diretoria, que se resolveu a obter junto ao Magnifico Reitor o direito e a grave responsabilidade de administrar o Bar, mediante sua concessão ao CAOC.

6) CONSELHO CONSULTIVO: Está assim constituido para o ano de 1949: Professor Flaminio Favero, Dr. Dácio do Amaral, Dr. Francisco Patti (consultor juridico) e Dr. Pedro Monteleone.

7) DEPARTAMENTO DO LIVRO: foi fundado e entregue á direção do academico Romeu Cianciarulo. Seus objetivos: vender livros ao preço de custo para os estudantes.

8) PROIBIÇÕES: foram expressamente proíbidos; o jogo á dinheiro nas dependencias do Centro, sob pena de suspensão dos faltosos; a entrada de pessôas extranhas á classe e academia nas dependencias do Centro, particularmente no salão de jogos e no Estádio.

COMENTANDO

A União Nacional dos Estudantes, entidade máxima dos universitários brasileiros e membro da ONU, vem envidando todos os esforços afim de preservar "as gerações vindouras do flagelo da guerra que, por duas vezes, trouxe sofrimentos indiviziveis á Humanidade, e reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valôr do sêr humano, na igualdade de direito dos homens e das naçõeõs grandes e pequenas".

Assim, a UNE fundou a Associação Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura, e divulgou a mensagem de paz a todos os moços universitários do mundo. Pouca gente sabe desse manifesto pela preservação da Paz, mesmo porque poucos crêm na eficiência de manifestos escritos ou falados em prol de um bem de ordem espiritual. Quando se lê qualquer cousa a êsse respeito, têm-se a impress.o de que estamos sentindo o ressumbrar de aras católicas. Por outro lado, somos muito poltrões em relação a movimentos ideologicos, adtando-se de preferência a filosofia do Dr. Pangloss, com o "tudo está de melhor maneira no melhor dos mundos possíveis" Não cremos muito nesses movimentos, talvez porque o sentimento de tradicionalismo é, entre nós, praticamente inexistente, em extremo oposto á Inglaterra, por exemplo, onde ele é, em essência, o sustentáculo do Reino. Aquele Espiritualismo e aquela Cultura que herdamos da França, predominante até há uns 30 anos, foi sendo deslocado paulatinamente pelo Capital e pelo Pragmatismo americanos. O mais interessante, no entanto, é que essa pseudo-cultura de retalhos não se alicerça em nada sólido, inclinando-se a qualquer impulso de filosofia menos superficial ou então mais brumosa que venha da velha Europa. E' o que se está observando em relação ao Existencialismo. Poucos sabem ao certo em que se arquiteta essa néo-filosofia. Tudo o que se sabe é **por ouvir dizer.** Pois bem, também somos descrentes do valôr do manifesto. Fazer crêr a um mundo de criaturas atribuladas por uma angustia de **strugle for life** de após guerra, que dar vazão aos impulsos do "Id", e mais cousas, não é imoral, mas até "filosofico", é mais fácil que fazer crêr na propaganda sistematizada em favor de um mundo em paz, como preconizou Roosevelt. Se Gandhi genialmente disse "o verdadeiro direito á vida nos corresponde unicamente se cumprirmos com os deveres de cidadão do mundo", é porque ele era um homem super-espiritualizado, que acreditava na fé dos homens como a que tinha em Deus, e esperava que a humanidade fosse cada vez mais distanciando-se de seu primitivismo, tentando á perfeição.

Essa mensage mé para os estudantes universitários que são a base desse futuro edifício grandioso. Pedimos, apenas, que sejam menos displicentes para com as cousas do espirito e que se inteirem da mensagem.

ADEMAR FIORILLO

Carta ao médico-chefe da secção de universitários da Faculdade de Higiêne

Não sei o vosso nome. Não sei se vós tendes o porte linear dos moços ou embodocado e senil dos longevos; se nadais balofamente em lípidos ou se sois enxuto e hirto, ostentando ossatura cervantina. Do vosso gênio não dou conta. Tereis espírito galhofeiro o trato ameno? Ou sereis de má catadura, sempre de semblante enfarruscado, atirando palavras duras que se despenham sobre o gentio de grande altura? Como declarei de início não sei o vosso nome, não vos conheço. Ignoro mesmo se hei por bem chamar-vos médico-chefe. Mas, o costume da terra é usar regimentos para demover palhas; julgo não ser abusivo e nem despropositado adornar-vos o gráu universitário com o galicismo clássico.

Em verdade vos digo que venho por bem, que sou de bôa paz. Quizera rezar com Kirkegaard: Herr! gieb uns blode Augen für Dinge, die nichts taugen, und Augen voller Klarheit in alle deine Wahrheit. Porém, sou picuinhas, sou brasileiro. Em me pisando nos calos só posso fazer é estrilar, usando, já se vê, a palavra escrita, talvez anacrônica nesta atmosfera existencialis[illegible] de [illegible]altas carnavalescos sovados e qua[illegible], pró-pósito de trajes havaiianos [illegible] desagrado de um sherloquinho qualquer.

O tema é simples e vô-lo expor-ei em duas palavras.

O tema é simples e vô-lo expor-ei em duas palavras

Há dias dirigí-me com alguns colegas ao ex-Instituto de Higiêne, antes que, a instâncias da Secretaria da Faculdade de Medicina fôssemos compelidos a regularizar situação, com finalidade precípua de tirar uma radiografia do tórax.

Pé ante pé, devagarinho, apartados (prudentemente) há muito dos cigarrinhos semi-consumidos, chapéo na mão, chegámos ao reino que vos coube de Minerva. Digo a bem da verdade que, em trânsito, aproveitámos muito da sabedoria dos refrões murais, e nossas células secretoras do estômago gostosamente se puzeram funcionar, á vista das apetitosas gravuras postas caprichadamente aquí e acolá a molde de enfeite.

Hieraticamente, aguardamos, praticando alpinismo visual, o leve baixar dolhos da "amazonas da corporação da guarda do limiar", como dria Maeterlinck, que compartilharia talvez da nossa impressão de estármos em uma colméia com abelhinhas afanosas, apressadas, pressurosas por contar a última piadinha para a companheira do outro extermo do salão.

Enfim, atendidos feita requisição dos exames, recebemos um enderêço sematórico — "é lá nos fundo".

Nova e industânica espera no canto delimitado pelo "fiquem alí".

Fomos chamados juntamente com outras pessoas. Afeitos a admiração dos torsos atléticos dos colegas na sala de snooker, que é por sinal verdadeira vitrine olímpica, nada extranhámos. A' saída, reunido o grupo a colega que nos acompanhava queixou-se, e com toda a razão, de ter sido praticamente obrigada a semi-despir-se na presença de pessoas, que embora do sexo feminino, eram completamente extranhas ao meio universitário e ao seu degrau social.

E não ficou nisso só a coisa. Alguns dos colegas que ainda não tiveram "viragem", quizeram aproveitar a ocasião para fazer a reação de von Pirquet. Conseguiram, é verdade, mas quase que precisaram jurar solenemente sobre os evangelhos que voltariam para ser feita leitura.

Deixámos a instituição com a impressão de que á nossa acanhada inteligência só poderiam ingressar os mais elementares sinais da linguagem humana, e coerentemente, não tínhamos necessidade de distinguir as classes sociais; afinal, que a preciosa vacinadora é profunda conhecedora e melhor crente do Manual de Psicologia del niño (de Murchison).

Creio que após esta exposição vós não tereis dúvida em reorganizar a vossa secção no sentido de justificar o seu nome especial.

Prevaleço-me do ensejo para declarar que o aparelho de RX funciona bem.

Aperta-vos a mão amigo que quer ser,

D. PAYO DE SANDIM.

Comentários sôbre a prática do Esporte na Faculdade

Dr. CHARLES CORBETT

Ao aceitar o convite feito pelo Matinas para colaborar nas páginas do "BISTURÍ", a primeira idéia que me ocorreu na escolha do assunto foi "esporte".

Não tenho, absolutamente, a pretensão de me julgar bem indicado para escrever a respeito. Todavia, como durante bôa parte de minha vida tenho me interessado pela sua prática, sinto-me à vontade para abordá-lo. Ha mais de 15 anos (já fazer 17, precisamente) comecei a praticar a natação na Faculdade, época em que muitos dos atuais alunos desta Escola ainda eram bebêsinhos. Estou, portanto, maduro (velho!) na idade e, acredito, amadurecido sôbre o sentido exato que deve ter a natação, como exemplo de modalidade esportiva.

De uns tempos para cá, venho precebendo um quase antagonismo entre esporte e estudo na Faculdade, e não me conformo com isto. Não há dúvida que podem colidir-se, quando, entre outras causas, participam a falta de método e de organização.

Em consequência, 3 aspectos do problema se me apresentam de início: a) a prática do esporte pelos alunos; b) influência desta prática nos estudos; c) o estudo do esporte.

A) A PRÁTICA DO ESPORTE PELOS ALUNOS — Quando eu era estudante dos primeiros anos do curso médico, via de regra encontrava em uso as diversas dependências do estádio do C.A.O.C., nas minhas "visitas frequentíssimas". Além de colegas, principalmente nos dias quentes de verão, lá estavam muitos professores e assistentes.

Com o correr do tempo, os "professores" deixaram de comparecer. O tempo continuou a correr, e, como a frequência é livre, o número de alunos diminuiu.

Não farei a tentativa de apontar as possíveis causas; interesso-me, pelo menos por ora, em considerar simplesmente o fato.

Durante certas épocas do ano, o estádio quase sempre está vazio. Fazem excecção, principalmente, os dias quentes com sol a pino e as "vésperas de competições".

Disto resulta, para mim, a impressão de que a prática do esporte, por um bom número de indivíduos (não todos, é claro, e fazem excecção os que dêle gostam mas não o praticam por motivos de fôrça maior), é fruto de solicitação de momento. Nestas condições, se é que estou certo, os frequentadores do estádio, na sua bôa parte, fazem exercícios físicos mas não propriamente esporte.

O esporte exige interêsse, dedicação, vontade de aperfeiçoar-se, procura de um objetivo e estudo. Êle não visa, em sua essência, a produção de recordistas. Assim, a meu vêr, a competição é uma consequência e um acompanhamento útil, mas não constitui sua principal finalidade.

B) INFLUÊNCIA DESTA PRÁTICA NOS ESTUDOS DO CURSO MÉDICO — Trata-se de questão dlicada, que incluo neste artigo principalmente com o intúito de manifestar meu pensamento e, talvez, de provocar debates.

Tenho minha opinião formada, mas, sem dúvida, acessível aos argumentos dos que com ela não concordarem.

Acho que o esporte bem conduzido não só não atrapalha como pode auxiliar o estudo dos alunos submetidos ao regime da nossa Faculdade. Esta minha afirmação, contudo, não se destina a colocar o esporte na situação de indivíduo-de-ombros-largos, que arcam com o pêso de muita coisa de que não tem culpa.

Admito que em ocasiões especiais, visto o dia só ter 24 horas (inclusive as que devem ser reservadas ao sono), possa haver dificuldade (mas não impossibilidade) em harmonizar os interêsses do estudo e do esporte.

Recordo-me, perfeitamente, de certos fatos ocorridos no tempo do "Sato", que graduava a intensidade e a frequência dos treinos de natação de acôrdo com os deveres escolares de seus alunos, para que obtivessem o melhor rendimento nestes últimos sem prejuizo dos primeiros. E' necessário, para tanto, uma dose de habilidade que seja fruto de conhecimento e de compreensão. Uma de suas perguntas muito comuns era a de se o nadador sentiu-se cançado nas horas de estudo. Dêste modo, não se esquecia êle de que o aluno ingressou na Faculdade para estudar, e compreendia muito bem que a prática ordenada e sistemática do esporte não prejudica o estudante.

Acrescento então, de minha parte, que ambas estas atividades podem influenciar-se mútuamente de modo benéfico. E' preciso, apenas, uma coisa muito fácil de se dizer mas nem sempre fácil de se realizar: disciplina física e mental.

C) ESTUDO DO ESPORTE — As medalhas e as bôas marcas são, ao mesmo tempo, justos prêmios e estímulos. Na realidade, porém, o esporte, pelo menos no meu modo de encará-lo, é "escola" no alto sentido, onde se pode aprender, desde que se procure, coisas que não se relacionam apenas com a prática de exercícios físicos.

Se eu comentasse sôbre a educação da vontade, a importância da moderação e da perseverança num empreendimento, o modo de procurar o caminho mais seguro para o aperfeiçoamento, a firmeza na consecução de um objetivo, o modo de saber perder sem se curvar mas também sem desalento, o método, etc. — que podem ser adquiridos com o auxílio do esporte bem orientado — talvez eu não fosse compreendido por muitos.

Para que haja esta compreensão, é necessário um estudo bem feito, o qual não é simples, pois o exige conhecimento de seus segredos e meditação.

* * *

P. S.: Agora que terminei o artigo, sinto que fui movido pelo desejo de interpretar o que aprendi com Kan-ichi Sato.

* * *

OBS.: Existe uma coisa que não sei explicar: porque os alunos, esportistas ou não, não estudam a medicina do esporte?

Falta "muita cousa certa" na Faculdade

Nem bem iniciamos o ano de 1949 e já podemos notar que uma série de cousas não vão bem na nossa "Faculdade. Oportunidade melhor não teriamos do que esta, de poder trazer. através das páginas de "O BISTURÍ" a nossa repulsa por atos cometidos neste 1.o trimestre.

Em 1.o lugar, chocou-nos a realização de novos exames a que foram obrigados alguns de nossos colegas embora aprovados todos em provas anteriores e com notas lançadas em livro. Perguntamos a quem de direito, qual a entidade que resolve os problemas da Universidade? A própria Universidade de São Paulo que é o orgão representativo dos alunos dos cursos superiores de São Paulo ou a Câmara dos Deputados ou o Senado Federal? Ou será que esta portaria" veio em favor dos estudantes de Direito em prejuizo dos de medicina? Se os Srs. representantes do povo não estão suficientemente aptos ou capacitados para resolver problemas de ensino, que deixem para os orgãos competentes pois do contrario êles não teriam razão de existir.

Outro problema que se nos apresenta é o caso já crônico das transferências. Elas continuam talvez para satisfazer á imposiçõeõs politicas. Como contraste, verificamos que arbitrária e intempestivamente foi excluido ou melhor jubilado da Escola u mcolega nosso, sem consulta prévia das leis em vigor, aluno que conseguiu galgar um lugar na nossa Faculdade apoz a prova de fogo de Habilitação. Aquí fica o nosso apêlo aos dirigentes da nossa Escola; examine mcom mais carinho os casos que lhes forem apresentados para que, não tenham que voltar atrás a uma decisão anteriormente tomada.

E as aulas teóricas? O problema é deveras interessante. Se os Srs. Profs., aboliram-nas como no caso das cadeiras de Microbiologia e Obstetrícia, perguntamos, qual será a materia exigida nas provas escritas semestrais pois, as questões não devem versar sôbre assuntos relativos á parte prática? Ou será um meio de que lançam mão para conseguir a presença dos alunos? Melhorem o padrão das aulas e não haverá necessidade de taxarem as aulas teóricas de teórico-prático ou cousa que o valha.

Há dias, ao tentarmos fazer uso do elevador da "nossa" Faculdade, fomos barrados pelo acenssorista que, dizia "cumprir ordens". No entretanto, as alunas da Escola deEnfermagem usam e abusam do mesmo e indivíduos de outras Faculdades, ocupam cargos dentro de nossa escola, usando nossas salas, transitando pelos nossos corredores enfim, gozam de todos os direitos que a nós alunos da Faculdade de Medicina competia usufruir.

Por hoje ficaremos por aqui, lançando o nosso apêlo ás autoridades competentes para que os direitos dos alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, não sejam postergados e, para que possamos ser os verdadeiros membros desta imortal casa de ensino.

Francisco de Paula Neves Filho

A Poesia moderna e os "Puros"

Por VICTOR NUSSENZWEIG

"As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, é à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas de ambulantes, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquêle, todavia, em nada sé assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito, ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detem-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção dêsse instante, fixam-se as pedras — para sempre — no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e perplexos - pobres seixos desgarrados..."

"O enigma" é nome, aliás muito apropriado, desse poema do sr. Carlos Drummond de Andrade. Depois de produzrr dois dos mais admiraveis livros da moderna literatura brasileira, "A Rosa do Povo" e "Sentimento do Mundo", para decepção de todos nós, incorporou-se o sr. Drummond à plêiade de mocinhos angustiados, cheios de tédio, que exploram o seu drama íntimo, o pessimismo e o vazio lírico de suas horas fechadas. Juntou-se aos herméticos, alistou-se nas fileiras do exército dos Bairões. Desejamos-lhe imensas felicidades auguramos-lhe horas de lascivo prazer entre seus novos companheiros de armas, que aliás não passam de recrutas, junto à figura experiente e vivida do sr. Drummond de Andrade.

O trêcho de poema acima transcrito é um exemplo característico do "penumbrismo", ou "noturnismo", dominante na poesia moderna, do qual alguns críticos teimam em fazer a apologia. Quanto mais inacessível o poeta, quanto mais remota e misteriosa tenha sido sua inspiração, maior valor querem atribuir-lhe.

Não se trata, porém, necessário se torna esclarecer desde o início, de fazer a opologia da poesia fácil, direta, demagógica; argumentaremos contra a poesia intencionalmente irracional, que sonega aos leitores, mesmo os mais sensíveis, o direito de partilhar dos sentimentos do poeta. "Que se adote ao menos a linguagem das criaturas humanas", foi a censura de Aristófanes a Esquilo, já naquela época enamorado do hermetismo. E' também o que temos direito de exigir. Afinal de contas, o poema constitue por sua própria natureza um fenômeno transitivo, projetivo e social; existe, sem dúvida alguma, um mínimo de comunicabilidade que deve ser respeitado, e é evidente que nem todas as sensações de um autor podem ser compartilhadas pelos leitores. Os loucos também têm sensações, mas estas, indubitàvelmente, não podem constituir poema. As únicas sensações passíveis de serem transportadas para o verso são as partidas de uma experiência comum ao leitor e ao autor.

Um poeta nada tira de si mesmo; não é um vidente, um ser eleito, e não passa de impostura a afirmação de que o poema é escrito em estado de puro automatismo psicológico sem intervenção da inteligência. O que o poeta faz é devolver à sociedade, artisticamente elaborado, essa elaboração processando-se no plano racional, aquilo que havia absorvido, muitas vêzes inconcientemente.

Para facilitar a compreensão do exposto, detenhamo-nos na análise um pouco mais particularizada de um dos traços fundamentais da poesia moderna, isto é, a "funcionalidade da palavra". Se inúmeros são os caracteres que distinguem as atuais correntes poéticas das que as precederam, como seu tom coloqüial, a negação da simetria convencional dos românticos, a progressiva desvalorização do ritmo como caracter fundamental do verso, o mais importante dentre todos é a transferência à "palavra" da responsabilidade usual, comum à generalidade das pessoas — a palavra exercendo nêsse caso mera "função denotativa" — pode ela ter um significado particular, adquirido através da experiência individual: é a "função conotativa" da palavra. Exemplifiquemos com a palavra "luar". Se por um lado, por sua função denotativa, significa simplesmente "a claridade qeu a lua espalha sobre a terra" (1), para um grande número de pessoas essa palavra se apresenta túrgida de emoção, trazendo à sua mente lembranças de experiências passadas. O predomínio da função conotativa sobre a função denotativa da palavra constitue um dos pilares sobre os quais repousa toda a poesia moderna. No nosso século, poesia sugere, e não explica. Examinemos os versos de E. Carrera Guerra, em sua "Invocação de Macunaima":

... "Vejam o amor que nasce
das palavras não
desse jeito de aurora quieta
quente de promessas"...

Os dois últimos versos são notaveis pela riqueza de sugestões e pela delicadeza de expressão. As sensações do poeta podem nêss caso ser compartilhadas pelos leitores. Estamo diante de uma verdadeira poesia.

Entretanto, depois dêsse gigantesco progresso no emprego da "palavra" na linguagem poética, enriquecendo-a e aumentando-lhe o poder comunicativo, aparecem atualmente como modêlos supremos de poesia, abstrações verbais, totalmente vazias de sentido, como a por nós transcrita, d autoria do sr. Drummond de Andrade.

Qual seria a razão dêse fenômeno, porque fogem êsses poetas da realidade social, emparedando-se dentro de si mesmos, numa clausura voluntária? Qual a causa dêsse individualismo cego, dêse narcisismo, dêsse medo da participação, dessa exaltação erótica?

A explicação dêsses fatos reside na própria estrutura da sociedade atual, no desenvolvimento dos acontecimentos contemporâneos. O artista, forçado a viver numa ordem em estado de putrefação, no mundo capitalista, baseado na exploração do homem pelo homem, privado de qualquer estímulo ao seu instinto criador, obrigado mesmo depender das classes dominantes, tanto economicamente como para encontrar público para sua produção poética, enojado diante da decomposição moral e intelectual do mundo burguês e não tendo suficiente confiança no povo e no futuro da humanidade, e nem coragem de enfrentar os problemas que o afligem, foge covardemente, deriva para o misticismo ,negando o valor da razão que o acusa e condena.

São êsses os assim chamados "intelectuais puros", que vivem repetindo refrões como este

"Que eu sou um homem perdido
imerso na minha angústia"... (2)

ou então

.. "Cansado de decepções um homem
[ficou sozinho no seu desespero
silencioso perdido na noite alta"...
z(3)

Êsses cavalheiros puzeram uma venda nos olhos para não enxergar miséria crescente de nosso povo.

Êsses cavalheiros taparam seus ouvidos para que as lamúrias e ás queixas de milhões de miseráveis não perturbassem sua paz espiritual.

Êsses cavalheiros, e isso é o que mais nos revolta, situando-se aparentemente "au dessûs de la mêlée", colocaram suas vozes na verdade a serviço dos opressores; tinha razão Mário de Andrade quando dizia que "os intelectuais puros venderam-se aos donos da vida". Sim, aos donos da vida, que fazem tudo para estimular este derrotismo poético, porque enquanto estiverem absortos na discussão dos últimos problemas do existencialismo — essa degenerada mistificação filosófica muito em voga nas altas rodas — não há perigo que se lembrem de denunciar a entrega do nosso petróleo aos trustes, de protestar contra o sufocamento das liberdades populares, ou de erguer sua voz em defesa da paz mundial, contra essa tremenda carnificina em que pretendem nos lançar os que, num verdadeiro delírio de grandeza, num verdadeiro frenesí atômico, vivem apregoando sua necessidade e inevitabilidade. Não, êsses não cantam como Pablo Neruda

— — — — — — — — — — paz
para todo el trigo que debe nascer
para todo el amor que buscará follaje
paz para todos los que viven; paz
para todas las tierras y las aguas.

(1) Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.

(2) (3) "Nuvem de Fogo" — Antônio de Morais Sales.

Agua para beber

— Você sabe qual é a diferença entre deserto de SAARA e a Faculdade de Medicina?

— Não!

— No SAARA há possibilidade de um oasis, com água, enquanto na Faculdade por mais que o indivíduo ande acaba morrendo de sede.

Pergunta: O diabético tem bico doce?

Caro colega responda esta pergúnta, estará concorrendo a valiosos prêmios, entre os quais o célebre Focas-Boock, alguns supositórios usados, um estágio na Microbiologia, um talão de refeições do bar da escola.

AS TRÊS GRAÇAS

I

A primeira, meu Deus que agonia,
E: de fato algo de extraordinária,
Pois, quem que ao lembrar Anatomia
Não sente no corpo urticária?

Alí estão reunidos, Locchi sistemática
O Guerra galã e o Bielick coração,
O Calazans batina e Odorico topografica,
O Sino e... o resto da coleção.

Mas eis que um dia... mancada
Em punir as bombas da criançada
Suspendendo anatomicamente os formados

Aí erraram os dignos mestres amados
Pois castigo realmente haveria
Com um ano mais de Anatomia...

II

A segunda, motivo de queixa
Muita gente assim a define:
Cátedra que o Cunha só deixa
Quando a tese o Migone termine

E o tempo assim vai correndo
Não para ela, é evidente,
E a gente é que vai sofrendo
Todo aquele tempo quente

Mas, uma esperança me acalenta,
Foi o que me ajudou suportar
Os "três" anos desta anatomia:

E' que Lombardi, Bemer, Pimenta
E outros hei de encontrar
Em preparações de microscopia.

III

Mas como nem tudo é desgraça
Em tão cacete andar
No centro está outra graça
A Técnica foi lá parar.

A escola de fato outra seria,
Muito mais bela encantada
Se patologica e anatomia
Fossem como Bastinhos cambada.

Mas, como nem tudo é perfeito
Também alí há defeito
Que sempre hei de lembrar,

Aqueles bancos terríveis
Os meus gluteos sensíveis
Cansaram de calejar.

IV

Em tempos velhos, passados,
Numa viagem que fiz,
Encontrei num museu de Paris
Uma sala só de quadros.

E, num canto, escondido
Entre todo o mostruário,
Um quadro extraordinário
Três Graças — autor desconhecido.

E hoje que o outono me chega
Meu espírito ainda se nega
A esquecer a extranha impressão.

Não daquelas graciosas Tês Graças
Mas de algumas desgraças
De andar acima do porão.

V A V A'

Sim assim a aurora sobre o mar

Três sombras corrosivas
Os ventos trabalham amassando o mar assim como
músculos e sangùe para a aurora
Leste
Luz amarela esguelha-se depois
ainda
verde aço escorregadio
Norte
um vermelho quase sólido
ruído duro vítreo
Depois uma cinza estupefacto
nuvens roseas são delícias longínguas
preságio carmim
explosões de escarlate
estampido histérico
Não Sim
não
sim
sim
sim sim
sim
tamtam de azul
Amarelo reboante
Maravilha dos cinzentos
todas as perolas dizem sim
Discussões persuasivas
verde-azul quase pendente
Os lastrões lisos violaceos do mar tremem de
entusiasmo
Um raio pula de rocha em rocha
a maravilha rí nas veias do mar
Risco azul de nuvem sôbre minha cabeça em
perpendículo
todos os prismatismas aguçados das ondas en-
loquecem
calamidade rubra
não
não
não sim
sim sim
vaivam macio
Claroescuros
puramente
descanso quase férreo
Uma vela acesa reverbera no horizonte que treme.
penumbra insatisfeita

William Callia – 946

O Primeiro Andar da Fac. de Medicina Visto Pelos Alunos

Conselho redatorial

Secretário –
William Callia

Tesoureiro –
Victor Nussenzweig

Redatores –
Cacilda Cuba Santos
Nelson Seixas
Tulio Miraglia
Ivone
Francisco de Paulo Neves Filho

A Superintendência do H. C. e os Alunos

MATINAS SUZUKI

Levado por assuntos concernentes a este Jornal, procurei a alguns dias atraz o Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, superintendente do nosso magestoso Hospital das Clínicas, com quem tive um abocamento dos mais agradaveis. Concorreu para isso a cativante bôa vontade demonstrada por esse administrador do nosso hospital, rigoroso em tudo, coagido pela pesada responsabilidade que lhe pesa nos ombros de responsavel pela direção de tal nosocômio. Os fumantes, por exemplo, têm verdadeira ogeriza por ele; a verdade porém é que os tabagistas são os próprios responsaveis por isso, já que deles é o máu hábito de atirarem quimbas por todos os cantos, coisa que só fazem fora de casa. Tal é o zêlo que seprocura ter no H.C., que já ví inúmeras vezes o próprio Dr. Enéas catar tocos de cigarro atirado no corredor por individuos com poucos escrupulos higiênicos.

Interessou-se s. s. pelo abarbante problema d'O Bisturí e mui atenciosamente marcou-me um encontro com D. Hortencia Dias de Aguiar. para dela obter uma carta de apresentação das firmas que fazem concorrencia no H. C. para delas se obter publicidade para o jornal dos alunos da Faculdade de Medicina. E o Bisturí não pode deixar de assinalar tambem a atenção a ele dispensada no almoxarifado, na pessôa do seu diretor.

Despedindo-me do Dr. Enéas, indaguei se havia algo de interessante para os meus colegas, mormente e mface do que a imprensa vem insistentemente focalizando. Ao que me respondeu:

— Apenas desejo agradecer aos alunos pela compreensão que têm demonstrado, zelando por isto que na realidade é inteiramente nosso. A superintendencia e toda direção, enfim, todos nós, manifestamo-nos inteiramente satisfeitos com a conduta dos alunos neste Hospital.

Filosofia de liquidação

MATINAS SUZUKI

"Penso, logo existo". Mas, pergunto, e aquêles que não meditam ou que apenas julgam pensar? Pois reflexão implica em esforço mental, em raciocínio, ginástica da mente. O simples fato de articular palavras não implica em pensamento no senso estrito, pois os papagaios e as araras ensinados também falam. E são muitos os que não empregam outro esforço, aliás inconciente, senão o da vontade sobre os músculos motores da fonação — idêntico ao que os burros empregam para zurrar. E no entanto, não deixam nem por isso de ser substantivos vivos sob o céu e o sol. E têm terrível conciência disso. Sim, porque urinam defecam...

Tudo tem as suas vantagens e desvantagens. Ao enxundioso, resta o consolo de ser mal visto pelo bacilo da tuberculose, os magricelas sorriem com desdem da hipertensão, os indivíduos altos gargalham com superioridade porque, nas aglomerações, podem vêr por riba dos crâneos alheios... E os anões? Êsses sentem-se felizes nos dias chuvosos: os seus corpos miudos são inteiramente resguardados da chuva pelos guarda-chuvas...

Sem sombra não haveria luz, sem feitura, beleza — pois o positivo existe graças ao seu pedestal: o negativo. De fato. "Se tudo fosse belo, o todo não seria belo" é impossível portanto a conciência de beleza e harmonia. Assim, os virtuosos existem graças aos maculados da Moral e da Religião. E são estes ,aliás, a razão de ser primeira da Religião. Ela erra portanto quando apenas verbera tais ovelhas transviadas...

Há dois tipos de perspectiva: a geométrica e a aérea. Aquela se refere ás deformações visuais aparentes da forma das coisas e esta, ao esmaecimento também aparente das côres em relação com a distância, devido ao ar atmosférico. Sucede então que as coisas harmoniosas, na forma e no colorido, perdem muito da sua beleza com a distância, ao passo que o grotesco nas linhas e na côr, lucram de muito com essa delusoria suavisação perspectica. E' o que sucede frequentemente na vida. Quantas vêzes já não ficamos pasmados com a apologia de "medalhões", feita por bocas de indivíduos que sempre os viram de longe?

Não há coisa mais divertida neste mundo do que meter o pau em 99 por cento dos indivíduos; o cem por cento se condensa todinho no um por cento restante...

Não há coisa pior do que o crente que faz o exame da própria conciência e descobre que ela está em segunda época...

Os tabagistas inveterados dão sempre êste conselho aos tentados pelo fumo: Não fumem. Faz mal á saúde e anemia os bolsos... Francamente, não é isso uma prova do que o Homo sapiens é um bicho idiota?

Na "A Funda de Davi" da coleção do Conselheiro XX — pseudônimo usado por Humberto de Campos como os óculos escuros dos safados em dias sem sol, êle nos conta uma piada, como as outras, de fazer acerejar as faces ingênuas, em que compara os ponteiros do relógio com a vida conjugal. O de minutos seria o marido e o de horas, a espôsa. Sucede porém, que os modernos relógios têm três e até mais ponteiros. Que representariam?...

Lêm-se nos dicionários:

Escatologia — s, f. — Tratado acerca dos escrementos;

Escatologia (eschatologia) s. f. (teologia) — Doutrina das coisas que deverão acontecer no fim do mundo.

Não acham que, pelo geito fedido que as coisas andam neste mundo, a Escatologia (doutrina teológica) vai chegar á conclusão de que um dilúvio escatológico será o the end da humanidade?...

Visita a Casa do Estudante

Alcides Moreno, diretor da Casa do Estudante do C. A. XI de Agosto, recebeu-nos solicitamente por ocasião da visita que eu e o terceiranista Nelson Seixas fizemos aquela instituição.

Mostrou-nos a ampla sala da diretoria. No alto da parede vê-se a placa comemorativa da cobertura do prédio.

Ainda no primeiro andar. pudemos conhecer o Gabinete Médico, sob os cuidados do Dr. Martirani. Para a sua realização dispendeu-se o esforço de dois anos.

Utilizamos um dos dois elevadores automaticos. A obtenção destes pôs à prova o valor dos dedicados universitários. Foram até o Tribunal de Contas, para conseguirem essa doação, feita pelo atual govêrno do Estado, no valor de 450 mil cruzeiros.

Estivemos em alguns dos vinte e sete apartamentos. Caracterizam-se pelo absoluto confôrto e largueza. Os móveis pertencem a própria Casa, e foram adquiridos com a renda da rifa daquele Nash no ano passado. Já instalaram gaz em todos os banheiros.

Cada apartamento consta de dois quartos e em cada destes moram dois estudantes, de modo que a Casa comporta ao todo, perto de cem estudantes. Em reunião dos moradores da Casa ficou deliberado, que cada um contribuiria com cem cruzeiros mensalmente, para cobrir as despezas de luz, água, gaz e limpeza. Os pretendentes foram escolhidos de acôrdo com as reiais necessidades de cada um, como procurou constatar a comissão investigadora.

No maravilhoso terraço do edifício, que nos proporcionou inegualável panorama de São Paulo, funcionará o clube de ginastica.

A Casa possue um regulamento, que consta de trinta e três artigos, os quais são religiosamente respeitados, graças ao bom senso dos estudantes e ao empenho dos preclaros administradores.

Gasta-se mensalmente em água, luz e gaz quatro mil cruzeiros e oito mil em limpeza.

A concretização dêste velho ideal proporcionou a completa resolução do problema social da moradia do estudante necessitado.

Foi uma luta titânica, como se verifica pela sua história. Levaram mais de dez anos para a sua construção. O terreno foi doado em 1937 pela Câmara dos Vereadores de São Paulo. Cícero Augusto Vieira poude assim obter o contrato com a Construtora Alfredo Mathias. No ano seguinte, sob a gestão de Joaquim Vale Neto conseguiu-se erguer o primeiro e o segundo andares. Em 1940, Qiuntanilha Ribeiro obteve da Faculdade, então sob a direção do prof. Soares Faria, o emprestimo de um milhão de cruzeiros. Os presidentes seguintes prosseguiram na construção. Chegou 1947, o ano áureo da Casa, Ubirajára Keutenedjian obteve mais de setecentos contos numa só campanha e quase terminou a Casa. Houve depois grande movimento pró elevadores. Como já disse acima, no ano passado, houve uma vitoriosa campanha, com a qual se conseguiu mobililar o prédio. Sob a gestão de J A. Rogé Ferreira, a 23 de fevereiro de 1949, deu-se a inauguração oficial do prédio.

Hoje, o esplêndido edifício da Avenida São João está avaliado em cêrca de vinte e um milhões de cruzeiros ou seja de vinte e um milhões de glórias para as dez gerações passadas, que cooperaram para o desempenho dessa benfeitoria no porvir. Ela representa a grandeza do espírito universitário.

Luiz Eugênio Reginatto

Relatório da Farmácia do Estudante

Viemos pela presente apresentar, o mais sucinto possível, o relatório sobre as atividades da E. F. no período entre 15-9 à 15-12 de 1948, para que os colegas acompanhem de perto o que por nós foi executado.

As nossas atividades tiveram início em 15-9-1948, após sérias dificuldades vencidas. Começámos por ir aos laboratórios adquirir amostras dos diversos produtos e ao mesmo tempo distribuí-las. Esta distribuição as entradas correram da seguinte maneira:

	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Retiradas	28	271	305	209
Entradas	191	1574	720	54
Saldo	163	1466	1881	1726

Portanto podemos concluir pela boa aceitação deste serviço.

O serviço conta com a colaboração de 6 Membros Dirigentes (fundadores) e regida por 1 M.D. com funções diretoras, em sistema de rodizio, por prazo determinado (inferior à 4 semanas). O funcionamento do serviço é dividido em 2 partes: 1) a de enviar ofícios, cartas, respostas, agradecimentos aos laboratórios e visitá-los pessoalmente com o fim de adquirir amostras dos produtos; 2) outra a de distribuição, anotação da saída e arquivamento das entradas, esta última é feita no período das 11 às 12 horas. diariamente, tendo para cada período citado um M.D. responsável; 2.ª-feira — J. E. Dutra de Oliveira, 3.ª-feira — J. C. da Rosa, 4.ª-feira — Enéas B. Fusco, 5.ª-feira — Gildo da R. Brito, 6.ª-feira — Isaac Gus e sábado — Harry Shibata.

Além dêstes estudantes, contamos com colaboração de diversos colegas propagandistas que nos auxiliam na aproximação com os vários laboratórios.

Assim, pois, com menos de 6 meses de vida, a F .E. progrediu assustadoramente. A nossa situação se foi devéras trabalhosa, não deixou de ser agradável por vermos atingida a meta que nos parecia difícil de o ser.

Convidamos aos colegas interessados nos detalhes do relatório que ora apresentamos que nos procurem pois estamos prontos para quaisquer esclarecimentos uma vez sejam êles pedidos, que o faremos de muito bom grado.

São Paulo, 22-2-49.

Pelos Membros Dirigentes
ENÉAS BRASILIENSE FUSCO

Várias

O CORUJA

— William Callia é, sem dúvida alguma, o "W. C." do modernismo poético...

— Certa vez, ouvi êste dialogo interessante:

— Segal, se te chamasse de Feher, ficarias zangado?

— Em absoluto, pois o Feher é um sujeito muito distinto.

— Pois é, mas outro dia eu chamei o Josef de Segal e êle me xingou de um palavrão...

Jogavam xadrês, o Coruja e o Fritz, o Teorico. Jicó sapeia a partida dos mestres. Em dado momento, êle tira um lencinho do bolso e assôa o nariz. Vira-se o Fritz e lhe diz: Ué- Jicó, está aprendendo ser educado. ein?...

No exame escrito de A. Patologica, o C. C. escreveu que a prova da docimasia consistia em pôr a criança morta numa cuba d'água. Se flutuasse...

E há aquela do Sawaia, que para pesquizar o frêmito toraco-vocal, pôz a mão espalmada nas costas do paciente e dizia, êle mesmo: trinta e três, trinta e três...

Escutem: Mignone não seria feminino de "mignon"?

Se os "catedráticos" dizem que não há mais aulas teóricas, porque é que há provas escritas?

Livraria Médica

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

AVENIDA REBOUÇAS, 476

Telefone: 8-2161 – ramal, 90

Caixa Postal: 201-B

SÃO PAULO